

Intoxicação pelo mercúrio é intensa

Liana John, da Agência Estado

Os garimpeiros das dragas, pobres e ricos, ainda sujeitam-se a intoxicação pelos vapores de mercúrio, usado na depuração do ouro. O minério misturado ao cascalho fino é peneirado quando sai das dragas e levado para um recipiente onde se coloca o mercúrio, que aglutina as partículas de ouro. Depois a mistura é aquecida, o mercúrio evapora e o ouro fica. Os vapores de mercúrio não vão muito longe, contaminando o Rio a volta das dragas e permanecendo no leito, em suspensão nas águas. Ai entram pela cadeia alimentar através dos peixes e das aves.

Um pequeno aparelho que faz a recuperação de 99% do mercúrio - por provocar a evaporação em circuito fechado - começou a ser utilizado no ano passado. A intoxicação dos próprios trabalhadores e a contaminação dos rios diminuiu um pouco. Mas o que já existe de mercúrio nas águas do Madeira vai continuar ameaçando o homem por muito tempo. Como todo metal pesado, o mercúrio não degrada no ambiente e se acumula nos organismos vivos, o

que significa que as populações ao longo do Madeira vão continuar se intoxicando mesmo quando (e se) cessar toda a atividade garimpeira. No organismo humano, o mercúrio afeta sistema nervoso e cardiovascular, lesa o cérebro, causa paralisia, dormência nos lábios, perda da memória, dor de cabeça e distúrbios emocionais.

Outro legado irreversível do garimpo é a alteração do leito e das margens do Rio Madeira. Toda a terra revolvida nos barrancos e do fundo do rio pelos equipamentos de garimpeiros foi carregada para as águas do rio. Em consequência é brutal o assoreamento e as águas ficaram tão turvas, que o rio Madeira mudou de cor até aos olhos dos satélites.

Nas primeiras imagens do satélite Landsat de Rondônia, feitas em 1973, o Rio Madeira tinha águas escuras e transparentes. Hoje, no lugar do rio corre nas imagens de satélite um traço branco, um rastro de destruição visível do espaço.